



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Epicuro:

conteúdo e propedêutica no ensino de filosofia

José Benedito de Almeida Júnior

Como citar: ALMEIDA JÚNIOR, J. B. Epicuro: conteúdo e propedêutica no ensino de filosofia. *In:* VELASCO, P. D. N. (org.). **Ensino de – qual? – Filosofia:** ensaios a contrapelo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 69-84.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p69-84>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

3. |

EPICURO: CONTEÚDO E PROPEDÊUTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

José Benedito de Almeida Júnior²⁷

1. INTRODUÇÃO

Até abrir sua famosa escola – o Jardim – nos arredores de Atenas, Epicuro (Samos, 341a.C. - Atenas, 270a.C.) enfrentou muitas dificuldades, estas, porém, lhe proporcionaram ocasiões para o exercício prático de sua filosofia. Ao contrário do que pensam alguns filósofos, sua obra não se limitou a interpretar, mas efetivamente transformar o mundo. Todos os infortúnios foram superados pela *ataraxia* – a imperturbabilidade da

²⁷ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor, também em Filosofia, pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (FAJE). É professor do Instituto e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e colaborador do PROF-FILO da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Suas pesquisas atuais versam sobre Filosofia da Religião, Ensino de Filosofia e temas de Filosofia, como a Felicidade, a Arte e a Mitologia.

<https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p69-84>

alma – desde as dificuldades de uma vida na pobreza, a oposição de platônicos e aristotélicos em lhe deixar abrir sua escola e, também, os inúmeros detratores que insistentemente difamavam sua teoria e sua pessoa. Assim como, também, nos momentos de êxito, não se deixou levar por um êxtase desmedido. A *ataraxia*, eixo de todo o seu pensamento, não ficou limitada a ser, somente, um conceito teórico, mas era efetivamente um princípio de vida.

A formação filosófica de Epicuro é bem conhecida, principalmente pela obra de Diógenes Laertius: *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, então não é necessário entrar em detalhes desses acontecimentos. Contudo, é interessante, para este trabalho, lembrarmos que seu início de estudos filosóficos deu-se num ambiente platônico que, desde o início, não lhe parecia adequado. Mais tarde, ingressa na escola de Nausífanos, filósofo da escola atomista de Demócrito que lhe causará grande influência, assim como a escola dos céticos, especialmente de Pirro, do qual absorverá a argumentação criteriosa e o hedonismo. Chama-nos a atenção o fato de que, desde cedo, Epicuro não se limitou a ser um acadêmico, no sentido de alguém que leciona a partir da escola de um mestre, mas de cultivar uma filosofia autônoma que resultará na fundação de sua própria escola.

O primeiro infortúnio pelo qual passou foi na ocasião de seu retorno do serviço militar, quando tinha dezenove anos. Seu pai, Néocles, foi expulso da cidade natal, juntamente com outros cidadãos de Samos, e conseguiram abrigo em outra cidade onde viveu numa situação de pobreza. Conforme Ullmann, este período se estendeu por doze anos, entre 322 e 310 a.C.:

Além do exílio, teve a amarga aprendizagem da pobreza. Porém, o tempo que passou em Colofon foi-lhe útil para a formação do espírito e para temperar seu caráter. Não lhe foi possível frequentar escola de renome filosófico, por não ter tido condições. Era pobre. Nada lhe restou senão viver a sós e aguerrir-se para os embates da vida. O período de reflexão e meditação alongou-se por doze anos. (ULLMANN, 1996, p. 14).

Mais do que reflexões, este momento proporcionou exercícios que Epicuro irá incorporar no seu campo doutrinário. Por volta de trinta

anos de idade, enfrenta a segunda grande adversidade de sua vida que lhe pôs à prova a prática da *ataraxia*. Foi impedido de abrir sua própria escola na cidade de Mitilene por causa da influência de um Liceu que ali havia. Nesta cidade, conheceu Hemarco, que se tornou seu discípulo e sucessor. Tentou, então, abrir sua escola na cidade de Lâmpsacos onde também foi proibido, agora por conta da influência de uma Academia que se instalara na cidade há alguns anos. No entanto, como alguns políticos formados nesta escola caíram em desgraça, manchando o nome da mesma, ele teve finalmente autorização para abrir sua escola e imediatamente angariou um grande número de discípulos. Cinco anos mais tarde, transferiu-se para Atenas, onde comprou um terreno afastado da cidade e fundou sua escola que ficou conhecida como o Jardim por ser um verdadeiro horto.

Um acontecimento histórico é determinante para compreendermos o período filosófico conhecido como helenístico e, também, a essência dos ensinamentos da escola do Jardim. Em 338a.C. Filipe II da Macedônia conquistou a Grécia na batalha de Queroneia. A partir daí, temos a decadência da democracia em Atenas e outras cidades gregas, consequentemente. O poder volta a ser palaciano, isto é, trata-se do fim de um período no qual a política era discutida na praça pública, na ágora. Foi neste espaço geográfico da cidade que tivemos, segundo Jean-Pierre Vernant (1989), o surgimento da democracia e da filosofia. Ora, quando a Grécia e, em especial Atenas, volta a ser governada por um imperador a autonomia das cidades estado é eliminada e a política não é mais dirigida pelos cidadãos, mas pelas decisões palacianas.

A localização geográfica é a primeira diferença entre o Jardim e as escolas que o antecederam, isto é, o Liceu e a Academia. O objetivo destas duas escolas – havia academias e liceus em várias cidades gregas – a despeito das diferenças entre elas, era educar a juventude para que se tornassem bons cidadãos e magistrados, isto é, pessoas que ocupariam mais tarde as funções públicas que manteriam a liberdade das cidades estado. A educação filosófica deveria formar, portanto, cidadãos. O deslocamento da escola da ágora para o jardim é, portanto, consequência da centralização do poder na Macedônia.

A segunda mudança se dá na Ética, isto é, no fundamento do ensino de filosofia: ao invés de priorizar a formação do cidadão, forma-se a pessoa. A ética torna-se mais individual e menos pública. Não se trata, evidentemente, de uma ética individualista, mas também não se submete a felicidade individual à coletiva espelhada na felicidade comum. Desta forma, ao invés de se localizar na área urbana das cidades, o Jardim se localiza na sua área rural, afastada dos burburinhos e interesses comuns que confluíam em suas ágoras.

A obra de Epicuro incorpora seu momento histórico, suas influências intelectuais – o atomismo e a lógica – e, principalmente, sua percepção de que era preciso elaborar uma filosofia e um ensino diferentes para a época em que vivia, daí a importância e a originalidade do seu princípio hedonista. Talvez a confluência de princípios materialistas e o do prazer levassem muitos a supor que no Jardim houvesse constantes festas e orgias, pois segundo Ullmann, ele admitia todas as pessoas que se interessassem por filosofia, não somente os jovens ricos, mas também pessoas de todas as idades, homens e mulheres, inclusive as héteras, isto é, as prostitutas. A sua ética, materialista e hedonista, porém, era bastante severa e rigorosa, como veremos adiante. Sua principal tese era a de que, fruir dos prazeres sensuais poderia causar uma sensação de felicidade imediata, mas ao longo do tempo, causaria muito mais sofrimento do que prazer. Assim, é por ignorância da verdadeira natureza do mundo e do ser humano que as pessoas optavam pelo caminho errado. Façamos, a seguir, um breve relato do seu atomismo e da lógica, pois são os fundamentos da ética.

2. A FÍSICA E A LÓGICA

A física, o conhecimento da natureza humana e do mundo, e a lógica, o domínio do significado das palavras e da ordem do discurso, constituem campos teóricos independentes; porém, na filosofia de Epicuro, são os fundamentos para o ensino e a prática da ética, pois oferecem conhecimentos mais seguros sobre a natureza do que as religiões e cultura comum. As religiões, do modo como são concebidas, ensinam absurdos sobre os seres humanos e sobre a vida, levando as pessoas a adotarem superstições

como se fossem conhecimentos certos e seguros; do mesmo modo, a cultura também ensina valores morais que não conduzem as pessoas para a autonomia, pois para os contemporâneos de Epicuro, as riquezas, o poder ou o status social, a fruição constante de prazeres sensuais, eram sinônimos de felicidade. Desta forma, as pessoas iludidas por estes falsos conhecimentos acabavam encontrando mais sofrimento do que felicidade, pois, se tinham algum momento de tranquilidade da alma, eram poucos, logo se viam atormentadas novamente por ilusões. Para desfazer estes equívocos, era preciso conhecer acuradamente a natureza do mundo e a do ser humano.

Epicuro herda as concepções atomísticas de Leucipo (não há datas precisas, sabe-se que nasceu em meados do século V e faleceu por volta de 370 a.C.) e Demócrito (460 - 370 a.C.), porém, não se limita a reproduzi-las, havendo diferenças significativas entre suas concepções. Para conhecermos mais a fundo sua física, é interessante a leitura da obra de Lucrecio (99 - 55 a.C.), cuja principal obra é *De rerum natura*. Segundo Ullmann:

Tudo, sem exceção, é constituído de átomos. Eles não são atingíveis pelos sentidos. Estes apenas nos representam os corpos e seu movimento. Para haver movimento, é necessário que haja vácuo ou vazio. A permeabilidade dos corpos ao frio, ao calor, à umidade e aos sons faz concluir a existência de partículas mínimas – os átomos. Nem os átomos nem o vácuo são apreendidos, diretamente, pelos sentidos. Atinge-se a sua existência, através da indução, isto é, passando do conhecido para o conhecido. (1996, p. 54).

Todas as mudanças no mundo são explicadas a partir da aglomeração e desagregação dos átomos. Tudo é matéria, vácuo e movimento. Com tal concepção, Epicuro aborda um dos temas mais caros da história da filosofia que é a alma. Há basicamente duas correntes anteriores a ele: a dos filósofos como Platão e Pitágoras que defendem a ideia de uma alma imortal, que sobrevive à morte do corpo, e uma corrente materialista que concebe a alma como um corpo mais sutil, mas, mesmo assim, material. Epicuro filia-se ao segundo grupo que considera a alma como matéria e, portanto, composta de átomos. Não há, para ele, qualquer princípio identitário que tenha se formado na alma antes do nascimento e que sobrevi-

verá à morte, desta forma, descarta as teorias de transmigração das almas e a ideia socrático-platônica de que a alma, se for desenvolvida ao longo da vida, permanecerá nos Campos Elíseos, do Hades ou qualquer lugar assim.

Esta concepção de mundo é importante para livrar as pessoas das superstições ensinadas pelas religiões, que as levam a ter medo da morte e, mais precisamente, do pós-morte. Assim, os mitos e ritos das religiões populares, bem como das religiões mistericas como Elêusis, ensinavam, por exemplo, que era preciso colocar moedas nos olhos dos falecidos para que pudessem pagar o barqueiro Caronte, a fim de atravessarem o Styx. Estas superstições geram medo e este torna as pessoas vulneráveis a uma série de erros durante a vida, desperdiçando-a atrás de fruir o máximo possível dos prazeres ou, no extremo oposto, a evitá-los ao máximo desperdiçando, do mesmo modo, a oportunidade de simplesmente viver.

No que se refere à lógica a ideia é a mesma: por meio dos raciocínios adequados é fácil livrar as pessoas das falsas concepções sobre o mundo que as levam, por ignorância e medo, a desperdiçarem seus anos de vida. Destacaremos como principal exemplo da lógica de Epicuro, seu conhecido paradoxo:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente; o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso; o que do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente; portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão não os impede? (1980, p. 20).

Este argumento não tem por objetivo fundamentar o ateísmo, pois Epicuro não pode ser considerado ateu, mas demonstrar que a existência dos males, assim como também do bem, não podem ser atribuídas direta ou indiretamente a Deus ou aos deuses. Dessa forma, para conhecermos a felicidade, podemos e devemos afastar quaisquer ideias ou sentimentos religiosos que não são necessários para a escolha pela felicidade.

Aqui, gostaríamos de fazer uma breve digressão a fim de, muito respeitosamente, discordar da proposição de Ullmann. Em duas ocasiões

de seu livro, o autor afirma que Epicuro não se importava com a teoria, chegando mesmo a nutrir certo desprezo por ela, pois sua maior preocupação era mesmo com a prática.

Epicuro sempre foi avesso a teorias. Sua intenção era resolver problemas na ordem prática. [...] A meta da vida de Epicuro, era ele mesmo ser feliz e tornar felizes os seus seguidores. Por isso, não lhe interessavam estudos profundos sobre os fenômenos da natureza, literatura, geometria e coisas tais. Em que contribuiriam para a felicidade do homem? (ULLMANN, 1996, p. 43-54).

Segundo Diógenes Laertius (1988, p. 289), Epicuro escreveu mais de trezentas obras, o que é uma evidência, a nosso ver, da sua preocupação com a teoria, porém, sem dúvida, o estudo da física e da lógica não se esgotavam como objetivos em si, mas como suportes para a finalidade última que era o conhecimento e a prática da ética hedonista no mundo.

A nossa questão, portanto, é com o sentido da expressão prática. A filosofia de Epicuro tinha sólidos fundamentos teóricos, cuja maioria, infelizmente, não chegou até nós, mas sem dúvida, seu objetivo era proporcionar uma transformação efetiva dos seus discípulos e, com a expansão de suas escolas para outras cidades, uma transformação humana. A Academia e o Liceu tinham grande preocupação com a teoria, mas também com a prática, pois seu objetivo não era somente ensinar uma certa tradição de conteúdos filosóficos, mas efetivamente, formar as elites governantes das cidades nas quais se instalassem. Platão, Aristóteles e Epicuro, transformaram o mundo no qual viveram, suas obras não eram meras teorias.

A filosofia do Jardim nos legou reflexões que até hoje nos são de grande valor, não somente para história da filosofia, mas para o ensino de filosofia e para a sociedade em geral. A psicologia de Epicuro foi tão bem concebida que, penetrando nas mais profundas características humanas, ultrapassou as diferenças de culturas e sociedades.

Nosso objetivo, agora, é refletir sobre as possíveis contribuições para o ensino de filosofia hoje a partir do legado de Epicuro. Acreditamos que seu materialismo ético contribui de três formas para o ensino de filosofia. A primeira é o exercício lógico de compreender a cadeia

conceitual por ele arquitetada em torno do tema do hedonismo como conceito central do seu pensamento. A segunda forma é a luta contra a intolerância religiosa, pois, a nosso ver, apesar de sua obra ter sido produzida no século IV a.C. boa parte de suas reflexões podem contribuir para questões do nosso tempo, como a de defender uma ética que conduz ao convívio pacífico e colaborativo entre as pessoas, sem recorrer a dogmas religiosos, pois diante da diversidade de religiões nenhuma delas pode – e nem deveria – ter o privilégio de fundamentar a ética que envolve toda a sociedade. A terceira forma é proporcionar aos estudantes de filosofia a ocasião de conhecerem uma teoria ética que discorda da ideia de que a felicidade seria o resultado da quantidade de riqueza, de fruição de prazeres e do status social que se desfruta.

3. A FELICIDADE COMO EIXO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Uma excelente definição da mudança de eixo da ética platônica e aristotélica para a epicurista se encontra nas palavras de Ullman:

O epicurismo é uma filosofia da busca de si mesmo, na interioridade, na experiência mais íntima do ser, como princípio do filosofar. Em vez de se preocuparem com o mundo transcendente (em oposição ao imanente), os epicureus localizaram a esfera de seus interesses na vida interior. (1996, p. 45).

Ora, o que o pensamento de um filósofo grego que viveu no século IV a.C. pode dialogar com a realidade que vivemos hoje? Uma sociedade capitalista, pautada pelo consumo e o status social, parece tão diferente das cidades de Samos, onde nasceu Epicuro, e Atenas, onde ele viveu até o final dos seus dias. Pois bem, acreditamos que os conteúdos a seguir podem contribuir tanto para com os alunos de graduação, quanto para com os de Ensino Médio. Estudar, compreender e refletir sobre sua filosofia pode trazer ganhos epistemológicos ao acompanharmos a lógica de sua argumentação em torno de conceitos como *ataraxia*, *aponia*, hedonismo, felicidade e outros. Também há um ganho ético, porque apesar das diferenças de cultura e dos séculos que nos separam, o pensamento de Epicuro oferece um excelente paradigma para refletirmos sobre a sociedade capitalista que nos

impulsiona para uma desenfreada corrida para o status social, representado pelo poder; pela capacidade de consumo; pela imposição de uma constante e imediata fruição dos prazeres.

4. O QUE PERTURBA A ALMA?

Este é o tema central da ética de Epicuro, para ele, o medo da dor e da morte são os principais fatores que fazem as pessoas ficarem perturbadas. Além destes, há também as ilusões de aparência que consideram a fruição constante dos prazeres como um modo de ter uma vida feliz e o desejo de riquezas. Epicuro considera que estes medos e estes desejos são resultado do não conhecimento da natureza e da natureza humana. Se as pessoas conhecessem como as coisas de fato são, saberiam evitar estas armadilhas da ignorância e poderiam viver tranquilamente, de modo a não se perturbar com os acontecimentos, pois há momentos bons e maus momentos na vida. Neste trabalho, infelizmente, não poderemos estudar a questão do medo da dor e da morte, mas trabalharemos com afinco na ilusão dos prazeres.

A *ataraxia* é deixar o espírito imperturbável diante dos temores ou das variações das circunstâncias. A sabedoria e o conhecimento da natureza do mundo e da natureza humana nos proporciona o domínio das paixões, evitando, pois o sofrimento. A *ataraxia* é o resultado de conhecimento, não se restringindo, porém, a ser só uma teoria, e sim uma prática de vida. Daí muitos pensarem que Epicuro não se importava com teorias; na verdade se importa, só não esgota sua filosofia no conhecimento teórico.

Epicuro sintetiza em quatro tópicos os remédios para o sofrimento da alma, o *tetrapharmakon*. Os quatro remédios que levam à independência, portanto à vida feliz, são: não temer os deuses; não temer a morte; o mal dura pouco e é fácil suportá-lo; o prazer é acessível a todos. Vamos analisá-los brevemente nos próximos parágrafos.

4.1. NÃO SE DEVE TEMER OS DEUSES

Uma das causas do sofrimento dos homens é o temor dos deuses e o que os aguarda na vida pós morte, seja o castigo para os maus, seja as benesses para os bons. Epicuro acredita que os deuses existam, mas a imagem que as pessoas fazem deles está errada: sendo perfeitos e imortais, não se deixam afetar por orações e preces, na verdade, não se importam com o que os homens fazem. Assim, há apenas superstições inúteis sobre os deuses e os rituais que os comoveriam com os dramas e tragédias humanas, totalmente dispensáveis para uma vida tranquila. Tal concepção foi sintetizada no seu conhecido paradoxo que vimos algumas páginas atrás.

4.2. NÃO SE DEVE TEMER A MORTE

Um dos motivos de se temer a morte é o medo de que algo terrível possa aguardar os homens na outra vida. Não há nada a temer, pois a morte significa o fim de todos os sofrimentos. Por outro lado, também teme-se que a alma não se perpetue para além da vida na terra, o que equivale ao desaparecimento total. Ora, se não haverá nada, o que temer? O sábio não desdenha a vida, nem teme não viver: “viver não é um fardo, não-viver não é um mal” (EPICURO, 2002, p. 31).

Lembremos que, para Epicuro, a vida humana é totalmente física, tanto o corpo quanto a alma são compostos de átomos aglomerados de tal modo a formar um ser, mas depois da morte tudo se dispersa, então, o medo de que haja castigos para os maus ou que, graças à transmigração das almas, voltar no corpo de um animal qualquer é um medo infundado para o filósofo de Samos. A morte não é um mal e isto nos leva ao terceiro remédio.

4.3. O MAL DURA POUCO E É FACILMENTE SUPORTÁVEL

Pode-se dizer que este remédio é a união da *aponia* e da *ataraxia*. Em resumo, também se pode afirmar: “tudo passa”, “não há mal que sempre dure”. Ora, assim como a sorte não nos felicitou hoje, pode felicitar amanhã; o azar de hoje pode não estar presente amanhã.

A *aponia* é a ausência de dor física: quando estamos em boas condições físicas sentimo-nos felizes por não sentirmos incômodo. Além disso, as dores físicas podem ser suportadas facilmente quando se lembra de outros prazeres ou quando se sabe que ela levará à morte, que é o fim de todos os sofrimentos.

4.4. O PRAZER É ACESSÍVEL A TODOS

O mais importante dos remédios é a certeza de que o prazer é acessível, que ele não depende do status social, do poder ou ainda das riquezas que as pessoas tenham a seu dispor. Ele pode ser alcançado de duas formas: a primeira delas é pela ausência, a segunda, pela ação.

No caso das ausências, vimos que não sentir medo da morte e não ter qualquer dor física já nos proporciona um grande prazer. No caso das ações observa-se que elas são um caminho para a vida feliz, na medida em que podem nos proporcionar prazer, quando, por exemplo, se prova um alimento saboroso ou quando se está na companhia de amigos.

Ainda em seu tempo Epicuro foi duramente caluniado por detratores que insistiram em distorcer ou simplesmente não entender o profundo significado que ele atribuiu à expressão prazer. Na obra de Diógenes Laertius lemos um pequeno excerto do próprio Epicuro: “Nenhum prazer é um mal por si mesmo, porém aquilo que produz alguns prazeres traz perturbações muitas vezes maiores que os próprios prazeres” (1988, p. 316). Desta forma, ele se afasta de teorias que consideram o prazer um perigo, pois pode provocar dependência e languidez da alma, pois os prazeres não são um mal em si mesmos, mas também não propõe que se viva para os prazeres sensuais. Na *Carta sobre a Felicidade*, Epicuro deixa de modo bem claro o conceito de prazer que orienta suas reflexões:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de

uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toda conta dos espíritos. (EPICURO, 2002, p. 43-45).

Em resumo, a vida feliz é: quando nada nos perturba a alma e fazemos coisas agradáveis.

5. UMA ÉTICA MATERIALISTA E VIRTUOSA

A questão que isto nos leva é a seguinte: ora, se os maus não devem temer castigos e os bons não devem aspirar a recompensas, então, porque viver uma vida correta? Desrespeitar as leis, violar os princípios morais não deveria ser motivo de receio, pois se não for flagrado pelos próprios concidadãos, não será castigado na vida além. Muitos diziam que a religião tinha, pelo menos, a função de, por meio do medo, fazer com que as pessoas respeitassem a moral e a filosofia de Epicuro poderia solapar este último obstáculo aos malvados.

Tudo isto não passa de superstições e grandes erros. Assim, muitos pensaram da seguinte forma: se a filosofia de Epicuro é hedonista e considera que não haverá castigo para os maus, nem recompensas para os justos, então tudo estava permitido e sua escola era, como afirmavam seus detratores, locais onde se vivia a licenciosidade em grandes festas e orgias. No entanto, não é esta sua concepção, de forma alguma. Ele não adere aos “prazeres dos intemperantes”, pois, como vimos, estes prazeres trazem mais sofrimento do que prazer. Assim, a ética de Epicuro é muito interessante por ser, ao mesmo tempo, materialista, porém totalmente baseada na virtude. Felizmente, houve muitos filósofos que, mesmo discordando de Epicuro, evitaram distorcer seu pensamento, como é o caso de Sêneca:

Assim, não se entregam à sensualidade levados por Epicuro, mas, apegados ao vício, escondem na filosofia a própria corrupção, lançando-se para onde o prazer é elogiado. Também não levam em consideração o quanto era moderado o prazer segundo Epicuro, mas apegam-se apenas ao nome dele, esperando encontrar justificativa e apoio para uma vida devassa e corrupta. [...] Eu próprio sou de opinião

(afirmo isso apesar do que dizem nossos partidários) que os preceitos de Epicuro são nobres e corretos e, se analisados sob uma perspectiva mais acurada, até severos. (2012, p. 23).

Uma das vantagens do pensamento de Epicuro para os dias de hoje é, justamente, o fato dele não recorrer aos dogmas religiosos para justificar a ética. Em primeiro lugar, porque, pelo fato de as pessoas seguirem uma religião não significa que sejam eticamente mais corretas do que as que seguem outras religiões ou ainda, que os ateus. Há uma clara dissociação entre religião e ética. Seu argumento para que as pessoas se comportem de modo eticamente correto é o da autonomia ou autodomínio, pois o que leva uma pessoa a entregar-se aos prazeres dos intemperantes, roubar dinheiro público ou mentir? São os desejos e, em última instância, agir deste modo não traz prazer perene, mas intranquilidade da alma, pois aquele que vive para saciar seus desejos torna-se escravo deles. Esta é a postura que ele denomina sabedoria.

Os homens, na vida comum, não conseguem atingir este estado de imperturbabilidade da alma, pois receiam a dor física e os acontecimentos futuros. Por falta de sabedoria, procuram a felicidade e encontram, somente, mais sofrimento. Na *Carta sobre a felicidade* lemos:

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres; se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. [...] convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério de benefícios e danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem. (EPICURO, 2002, p. 39).

Assim, o filósofo deverá adotar os quatro elementos fundamentais para a vida feliz: a prudência, o cálculo, o autodomínio e a justiça.

A prudência é uma virtude superior à própria filosofia, porque é ela quem permite discernir os verdadeiros prazeres, portanto, o papel da filosofia é conduzir as pessoas à virtude, por isso ela lhe é superior. No iní-

cio da *Carta sobre a felicidade*, Epicuro exorta seu amigo que continue a se dedicar à filosofia, pois ninguém é jovem ou velho demais para alcançar a saúde do espírito que é, em última instância, a virtude. Para tanto, Epicuro traça uma complexa teoria da natureza dos desejos que também foi motivo de más interpretações por parte de seus críticos. Segundo ele, há dois tipos de desejos: os naturais e os inúteis. Os desejos naturais se dividem em dois grupos: os necessários e os apenas naturais. Os desejos naturais e necessários devem ser atendidos para que possamos viver sem dor e com os prazeres deles decorrentes, por exemplo, beber água quando se tem sede, causa prazer; assim como alimentar-se quando se tem fome e repousar quando se está cansado. Os desejos naturais e não necessários quase não são denominados pelo filósofo, mas, referem-se, principalmente, à sexualidade. Para ele, o desejo pelo sexo é natural, mas não é necessário, sendo que alguém pode levar uma vida celibatária tranquilamente.

Os desejos inúteis são aqueles decorrentes dos valores que a sociedade nos impõe como naturais, quando na verdade, são criados pela cultura. Basicamente, são aqueles descritos em uma citação acima, na qual o filósofo diz que o desejo constante pela posse de alimentos saborosos ou de riquezas não proporcionam verdadeiramente o prazer, pois geram, ao final das contas, dependência e grandes sofrimentos quando não se está fruindo destes prazeres. É como um vício que, no início causa prazer, mas depois, grandes sofrimentos, porque os desejos nunca se satisfazem e, na ausência daquilo em que se está viciado, há muito sofrimento.

O cálculo é necessário porque o sábio deve ponderar sobre o que é ou não vantajoso. Por vezes, é melhor suportar um pequeno mal por um bem maior: como vimos, há ocasiões em que usamos um bem como se fosse um mal, e em outras ocasiões, utiliza-se o mal como se fosse um bem.

O autodomínio: evitar o supérfluo no que se refere aos bens materiais, cultura sofisticada, alimentos, pois assim os homens serão livres, porque não dependerão daquilo que é valorizado pela opinião comum. Assim, saber suportar os momentos difíceis – como o próprio Epicuro conheceu em sua pobreza e também quando proibiram, mais de uma vez, de abrir sua escola – é garantir que não se deixará levar pelos acontecimentos

nem pelas paixões que estes despertam, seja a mágoa ou a ira nos momentos ruins, seja o êxtase desmedido nos bons.

A justiça: praticar o bem é mais vantajoso do que ser agraciado, quem é justo pratica sempre o bem, possui a alma sempre imperturbável. Aqui aparece mais uns dos paradoxos da filosofia. Quando se diz que é melhor sofrer a injustiça do que praticá-la, em geral, causa certo espanto entre aqueles que estão iniciando seus estudos. Se o injusto se beneficiou do seu ato e os justos foram prejudicados, em que condições isto é preferível para os justos? A resposta de Epicuro é simples: quem pratica o mal o faz porque tem a alma perturbada; por outro lado, quem o sofre está no poder de decidir se isto o abalará ou não, isto é, pelo autodomínio saber suportar os revezes.

6. CONCLUSÃO

Concordamos com Ullmann quando ele afirma: “Logramos, pois, dizer que, em nosso mundo conturbado, ansioso, mais desejoso de ter do que de ser, as lições do filho de Samos representam uma mensagem altamente positiva” (1996, p. 109). De fato, vale muito a pena explorar seus conteúdos nas aulas de filosofia, especialmente nos primeiros anos do ensino superior e no ensino médio, por dois motivos.

Quanto ao conteúdo ético chama a atenção três fatores. O primeiro é o fato de que Epicuro não nega a fruição dos prazeres, mas analisando detidamente a natureza humana, considera que se deve ter prudência e distinguir a natureza dos desejos, se são naturais ou impostos por valores sociais e, pelo autodomínio, saber o que fazer ou não fazer. O segundo é o fato de que elabora uma ética materialista que, mesmo aceitando a existência de religiões, não dependerá dos dogmas para justificar seus fundamentos. Num ambiente de ampla liberdade religiosa faz-se necessário não decidir por nenhuma como principal para não se gerar o fenômeno da intolerância civil. Por fim, sua ética também contribui para com a ideia de que praticar injustiças – inclusive desrespeitar a lei – não trará nenhum castigo futuro na vida além-túmulo, nem por alguma lei metafísica pagar-se-á o mal feito com sofrimento, mas observa que aqueles que agem de modo injusto o

fazem por ter a alma perturbada e esta é uma evidência de que sofrem. Para acabar com essa perturbação é preciso estudar filosofia, conhecer a natureza dos desejos e o efeito dos prazeres para ter domínio de si. O que não dispensa, evidentemente, o cumprimento das leis.

Quanto ao conteúdo lógico, sua contribuição vem, como vimos, pelo extremo rigor com o qual define seus conceitos e os encadeia logicamente. Quando os alunos estudam sua obra participam de um exercício rigoroso e sutil de pensamento filosófico que, sem dúvida, proporciona uma experiência transformadora. Podemos, sem dúvida, discordar deste autor, mas estudá-lo e compreender seus argumentos é um exercício ímpar para os que estão iniciando seus estudos filosóficos.

REFERÊNCIAS

DIÓGENES LAERTIUS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mario da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1988.

EPICURO. *Antologia de Textos*. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (A Meneceu)*. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

SENECA. *Da Felicidade*. Tradução de Lúcia S. Rebello e Ellen I. N. Vranas. São Paulo: L&PM, 2012.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.